



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11776 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação

“Não tem que só as mulheres lutarem contra o machismo, tem que ser a sociedade toda lutando”: masculinidades em disputa no movimento estudantil contemporâneo

Leandro Teofilo de Brito - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: Não possui

“Não tem que só as mulheres lutarem contra o machismo, tem que ser a sociedade toda lutando”: masculinidades em disputa no movimento estudantil contemporâneo

Este resumo, fruto de uma pesquisa de Pós-Doutorado na área da Educação, buscou discutir a participação política de jovens estudantes que se identificavam com o gênero masculino no Movimento Estudantil do Colégio Pedro II (MECP II) - instituição de educação pública federal, localizada no estado do Rio de Janeiro e reconhecida por favorecer uma formação política de destaque na educação básica.

Destaco algumas questões que orientaram esta focalização de pesquisa: Como o ativismo estudantil no Colégio Pedro II afeta os sentidos das masculinidades circulantes na instituição? Quais são as especificidades das questões das masculinidades no que se refere à identificação etária dos estudantes? Como estudantes que se identificam com o gênero masculino se engajam nas pautas feministas, LGBTI+ e raciais que emergem no cotidiano escolar da instituição? Para problematizar estas questões, bem como a intersecção das categorias masculinidade e juventude, busco fundamentação numa perspectiva teórico-política da diferença.

Reconhecendo os efeitos da linguagem na constituição de realidades e dos sentidos sociais que circulam na sociedade contemporânea, Butler (2019) entende o gênero como performativo, isto é, o gênero é uma identificação instável e precária, que parte da repetição estilizada de falas, atos e gestos, instituídos por uma matriz heterossexual e pela coerência sexo-gênero-desejo, mas que é um processo contingente e passível de deslocamentos. Pensar as masculinidades por essa teorização significa reconhecer os disputados processos de identificação do masculino performatizados nos diversos contextos sociais, que se opõem a qualquer essencialização da identidade pela permanente repetição/deslocamento de sentidos, já que participa das disputas por significações na ordem social. Apostar em performatizações das masculinidades significa assumir um movimento contínuo de adiamento de alguma estabilização definitiva dos processos de identificação e significação do masculino no social.

Por esse caminho, trago também o pensamento pós-fundacional de Laclau e Mouffe (2015) para pensar as masculinidades no contexto do ativismo político estudantil. O autor e

autora apostam numa superfície discursiva como (re)leitura do conceito de hegemonia, defendendo a existência de fundamentos parciais e contingentes, marcados por instabilidades de sentidos para leitura do social contemporâneo. A hegemonia é um processo contingente e precário no qual um particular assume temporariamente a representação de uma totalidade ou determinado sentido de verdade. A realidade social é tida como um campo discursivo em que o social consiste no jogo infinito de diferenças, ou seja, é um espaço no qual as identidades lutam agonicamente para conseguir se estabelecer. Quando uma dessas identificações consegue fixar-se, emergem outras articulações discursivas que a desestabilizam, num jogo de infinitas disputas antagônicas que constituem o social.

Nessa proposição discursiva de hegemonia, uma masculinidade para se hegemonizar necessitaria representar sentidos antagônicos advindos de múltiplas masculinidades, por meio de relações de diferença e equivalência, buscando que uma particularidade entre esses sentidos assumisse uma representação de universalidade, que seria provisória, contingente e reversível, pois participaria desse jogo de disputas, que para Laclau e Mouffe (2015) é infundável na ordem social. O pensamento pós-fundacional desses autores coloca em destaque as disputas nos processos de estabilização e deslocamento das masculinidades na contemporaneidade, que se mostram potentes para as análises que serão discutidas na pesquisa em questão.

Por esse mesmo caminho, assim como Judith Butler contestou o binarismo masculino/feminino pelo argumento antiessencialista que reconhece a capacidade e o poder da linguagem de produzir efeitos de realidade, a noção de performatividade se mostra potente na contraposição ao adultocentrismo, que permeia os processos de identificação e significação da juventude na sociedade (LEITE, 2017). A identificação da juventude como performativa permite contestar atribuições naturalizadas – como irresponsável, hedonista e alienado – comumente repetidas em enunciações direcionadas ao sujeito jovem na sociedade e que corrobora o discurso do senso comum de desengajamento político dessa identificação etária em variadas esferas da sociedade.

A intersecção das identificações da masculinidade e da juventude no contexto do ativismo estudantil será discutida pela proposição da abordagem interseccional. Reconhecendo que não se trata de um mero somatório de opressões, mas de uma abordagem integrada que articula categorizações da diferença que emergem e interpelam os relatos dos sujeitos, a interseccionalidade se mostra uma abordagem analítico-política potente para problematização de diferentes atravessamentos identitários em redes de poder e suas complexidades na produção da diferença e na reprodução das desigualdades sociais (BILGE, 2020).

Foram produzidas narrativas, por meio de entrevistas coletivas, com jovens estudantes-ativistas participantes do MECPII de 2 *campi* – Niterói (ensino médio), São Cristóvão 2 e 3 (segundo segmento do ensino fundamental e ensino médio, respectivamente) - entre os meses de setembro e dezembro de 2019. As narrativas foram produzidas pelos princípios de Arfuch (2010), que concebe as narrativas por uma proposta dialógica e alteritária, fundamentada por uma teoria de sujeito que considera seu caráter não essencial, seu posicionamento contingente e móvel advindo das múltiplas vozes dos sujeitos.

Entre os resultados, reconheceu-se a multiplicidade nas performatizações das masculinidades destes jovens estudantes-ativistas em suas experiências de participação política no MECPII, denotando as complexas disputas de sentidos que as masculinidades são significadas no social contemporâneo, sobretudo pelas afetações nas intersecções de classe social, raça e orientação sexual. Além disso, as enunciações apontaram as disputas relacionadas às questões feministas, LGBTI+ e raciais circulantes na instituição, tensionando os modos de participação, parceria e (des)engajamento relacionados a essas pautas. As masculinidades performatizadas por estes estudantes-ativistas hegemonizavam-se contingencialmente nos espaços de atuação política da instituição que, de um modo geral, ressignificavam modos outros de ser homem, como um horizonte porvir nas lutas à favor da igualdade de gênero na sociedade, favorecida por essa abertura à participação política na escola.

## REFERÊNCIAS

ARFUCH, L. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BILGE, S. Panoramas recentes do feminismo na interseccionalidade. *Escritas do Tempo*, Marabá, v. 2, n. 6, p. 238-256, 2020.

BUTLER, J. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 213- 230.

LACLAU, E.; MOUFFE, C. *Hegemonia e estratégia socialista*. São Paulo: Intermeios, 2015.

LEITE, M. S. No “Colégio dos alunos, por alunos, para alunos”: feminismo e desconstrução em narrativas das ocupações. *ETD: Educação Temática Digital*, Campinas, v. 19, p. 23-47, jan./mar. 2017.